

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2008 - ANO XII - Nº 140

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Para ajudar os eleitores a exercerem seu direito ao voto livre e consciente, a Associação dos Magistrados Brasileiros, em parceria com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), elaborou uma “Cartilha do Eleitor”. Essa Cartilha objetiva conscientizar sobre a importância do voto. Para tanto, orienta que é importante conhecer os candidatos e recordar como eles agiram quando estiveram no poder; que é preciso estar atento às propostas apresentadas na campanha e ao comportamento do candidato. Mostra que os bons políticos são líderes autênticos e têm capacidade de reunir pessoas em torno de idéias e não de interesses pessoais – para isso existe a propaganda política. No entanto, é preciso conhecer o material de campanha, uma vez que o papel aceita tudo e muitas inverdades podem ser ditas, escritas e publicadas, fazendo com que o eleitor pouco atento não as perceba.

A Cartilha reforça a certeza de que um voto mal dado se reflete na sociedade como um todo e na vida do próprio eleitor. “São votos assim que levam pessoas corruptas e mal preparadas para cargos públicos”. Outra orientação do TSE é a de que é preciso que o eleitor fique atento e denuncie presentes e favores de candidatos: “O assistencialismo desmobiliza e atrapalha a organização popular. Portanto, o que os políticos dão como um presente “generoso” ou o serviço que oferecem pode ser uma forma de subornar a consciência do eleitor”. Ressalta, ainda, que as obras feitas pelos governantes com o dinheiro público são uma obrigação e não um favor a ser retribuído com o voto. O eleitor deve julgar se a administração foi boa ou má, haja muitas ou poucas obras aparentes. Conhecer o plano de governo dos candidatos, especialmente se for por meio de um debate público, é uma das maneiras de os avaliar. E o voto é uma forma de expressar essa avaliação.

A Cartilha do Eleitor, que deve estar disponível no Cartório Eleitoral, é leitura essencial para os que desejam assumir uma postura ativa frente às urnas. O eleitor é o primeiro a promover a justiça nas eleições.



Deixar uma oportunidade passar pode fazer você perder muito tempo. Se nas próximas eleições você não escolher os melhores candidatos, a cidade vai perder quatro anos; e quatro anos é muito tempo. O futuro da sua cidade é o seu futuro.

O futuro da cidade é o seu futuro

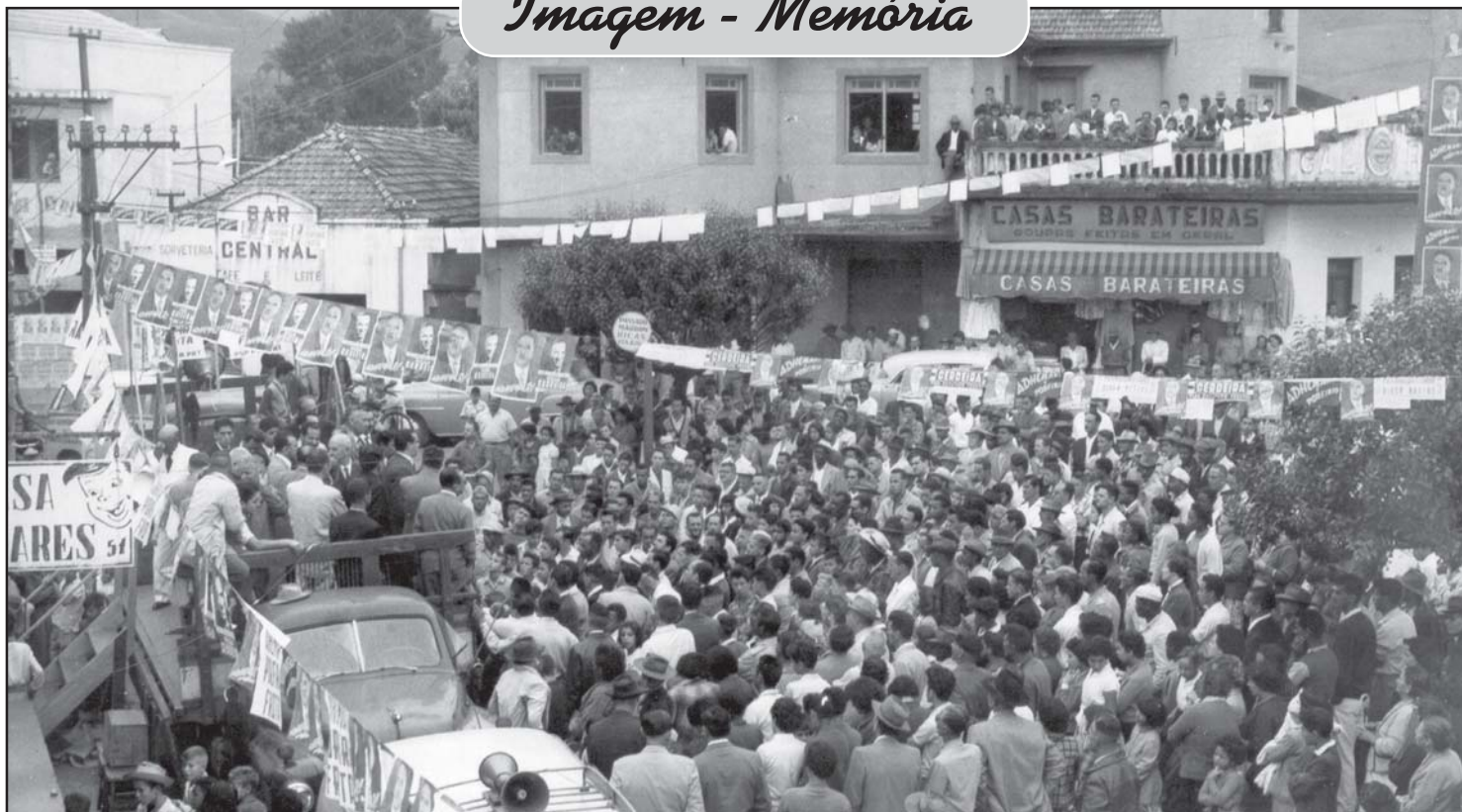
Vivemos em uma sociedade democrática. Elegemos nossos representantes por meio do voto direto.

Votar é um ato importante para a vida da comunidade. Se não soubermos votar conscientemente, poderemos eleger pessoas erradas, e logo estaremos sofrendo as consequências desse erro. Estudos recentes da Fundação Getúlio Vargas apontam para o crescente avanço da corrupção em diferentes níveis do governo. Os recursos desviados deixam de ser aplicados na saúde, na educação e em obras sociais. Com a corrupção, os brasileiros perdem muito mais que dinheiro público – perdem a cidadania. Daí o engajamento de diferentes setores da sociedade numa campanha de conscientização sobre a importância do voto consciente: TSE, STJ, OAB, Igrejas, instituições de classe, entre outras, estão unidos para combater a corrupção eleitoral.

Pela TV, assistimos a propagandas promovidas pela Justiça Eleitoral chamando atenção para a escolha consciente dos candidatos. A cidadania não é apenas direito de votar, de eleger representantes; é também um dever. Por consequência, o cidadão tem o dever de participar da construção das políticas públicas, de fiscalizar seus representantes, de votar com integridade.

Esta é a cidadania ativa e transformadora, a qual é base para o controle social. Este controle difere de outros exercidos por órgãos formais, como Ministério Público e tribunais de contas, pois vai além da conformidade com as leis. No controle social, os cidadãos – que são, de fato, os principais interessados e afetados pelas ações governamentais – julgam a qualidade dos serviços públicos e a atuação das autoridades públicas. Daí os questionamentos que cada cidadão deve fazer sobre a cidade em que vive e sobre o que deseja para ela e seus moradores no futuro. Você está satisfeito com a qualidade do serviço de saúde oferecido para a população? E a cultura? E o esporte? O meio ambiente? Se concluir que o serviço público não é de qualidade, as eleições são o momento para se mudar esta situação. A população merece o que há de melhor, e esta mudança acontece com o voto. Portanto, no dia 5 de outubro, vote certo para não perder quatro anos. Esta é uma oportunidade. Deixar uma oportunidade passar pode fazer você perder muito tempo. Se nas próximas eleições você não escolher os melhores candidatos, a cidade vai perder quatro anos; e quatro anos é muito tempo. O futuro da sua cidade é o seu futuro.

Imagem - Memória



Comício na Praça da Bandeira, em Piquete, no início dos anos 60. “Bem antes da hora marcada para seu início, grupos de pessoas se dirigiam para o local: afluíam pelas ruas Cel. Luiz Relvas, Síria, do Piquete, Com. Custódio e Vila Duque, às centenas. Num caminhão palanque, desfilavam políticos locais e de sua comitiva, que disputavam espaço para as lentes dos fotógrafos.”

Antigos políticos. Políticos antigos.

As cidades ganham ares diferentes no período que antecede as eleições. Meses antes, coligações partidárias são seladas e elaboradas as estratégias de campanha. A partir daí, comícios são organizados pelos correligionários dos candidatos em diferentes pontos da cidade e visitas domiciliares são iniciadas. Busca-se, a todo custo, ganhar o voto do eleitor.

Esse período deveria ser usado para conscientizar o eleitor da importância do voto e para que os candidatos aos cargos majoritários expusessem seus planos de governo. No entanto, não é isso que acontece. Mal raia a manhã, histórias das mais esdrúxulas passam a correr pela cidade, de boca em boca. Cada dia uma nova história. Parece novela. A indústria dos boatos cresce. Dados manipulados são divulgados, contribuindo, assim, para enriquecer o anedotário político, que cresce a cada eleição, principalmente nas pequenas cidades. Contribuem, em grande parte, para isso, políticos populistas, que querendo ganhar o eleitorado a todo custo, usam todos os métodos possíveis e inimagináveis para enganar o eleitor.

São muitas as histórias que surgem em época de eleição. Quando a campanha é federal ou estadual, devido aos candidatos estarem distantes do eleitorado, são generalizadas. Mas, quando se trata de eleição municipal, afloram as paixões, muitas vezes de maneira desonesta, de modo que o palanque é usado por candidatos para mentir ou, de forma truculenta, agredir com acusações infundadas seus adversários. Escondem por trás dessa ação o despreparo e a falta de propostas eficazes

para o debate público. Parte-se para a ignorância, e os comícios, que deveriam ser educativos e esclarecedores, transformam-se num circo a que a população vai para se divertir.

Se no passado o chamado voto de cabresto era prática comum entre os políticos populistas, hoje ainda se observam em pequenas localidades, remanescentes dessa prática. Assim, a máquina administrativa, muitas vezes, é usada, num flagrante desrespeito à coisa pública. Cestas básicas, frangos, consultas médicas, transporte de doentes, medicamentos, pagamento de gás, luz, prestação de carros, entre outros, são trocados por adesão ao candidato, que espera votos pela concessão destes favores. Hoje, felizmente, este modelo está em baixa. O eleitor quer conhecer o programa de governo e já não mais comunga do ideário populista. Enquanto cidadão, exige respeito e busca qualidade nas ações dos governantes.

Em época de eleição, muitos antigos moradores recordam-se de um político populista que por mais de três décadas manteve estreita relação com Piquete — Adhemar de Barros.

Adhemar esteve aqui, pela primeira vez em 1932, como capitão médico constitucionalista. Em 1938, nomeado Interventor do Estado de São Paulo por Getúlio Vargas, indicou para prefeito de Piquete José Monteiro de Brito Júnior. A partir de então, sua presença em nossa cidade foi freqüente. Sua chegada a Piquete era sempre uma festa. Seus correligionários preparavam a população para os comícios, normalmente realizados na Praça da

Bandeira, tradicional local de concentração popular nos anos 50 e 60. Esses comícios são lembrados ainda hoje por antigos “adhemaristas”. Bem antes da hora marcada para seu início, grupos de pessoas se dirigiam para o local: afluíam pelas ruas Cel. Luiz Relvas, Síria, do Piquete, Com. Custódio e Vila Duque, às centenas. Num caminhão palanque, desfilavam políticos locais e de sua comitiva, que disputavam espaço para as lentes dos fotógrafos. Oradores se sucediam. Quando Adhemar de Barros era anunciado, era a apoteose. Sob aplausos e espocar de foguetes, a população se manifestava. Queriam se aproximar para ouvi-lo. Carismático, seduzia a todos. Apesar das denúncias de desvios de verbas públicas ao longo de sua trajetória como administrador, quando foi cunhado como “rouba, mas faz”, fez escola. Felizmente, esse modelo de político ficou para trás. Hoje busca-se ética, seriedade, eficiência e qualidade administrativa!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

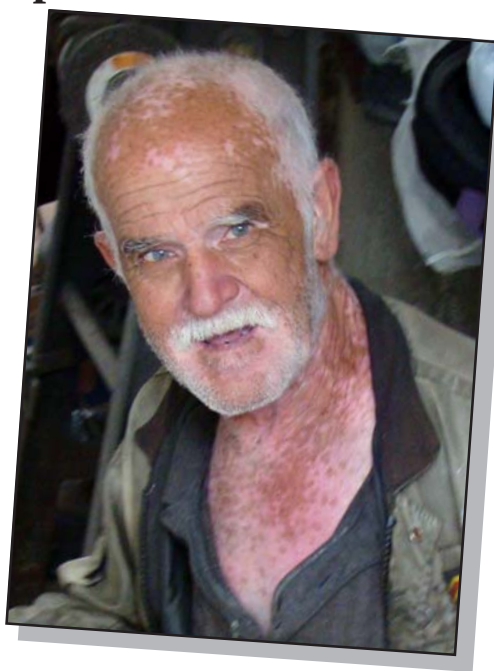
GENTE DA CIDADE

Djalma sapateiro

Não há quem não o conheça na Avenida Luiz Arantes Júnior. Estabeleceu-se no número 186 daquela via para exercer seu ofício no final anos 50, quando ela ainda era denominada Av. Lucas Nogueira Garcez. É um dos últimos remanescentes de uma legião de profissionais responsáveis pela proteção de nossos pés que havia em Piquete.

O sapateiro Djalma da Silva nasceu na Rua do Piquete em 26 de janeiro de 1941. É um dos cinco filhos de Maria Moreira da Conceição. Estudou no Grupo Escolar Antônio João, onde foi aluno da professora Maria do Carmo do Amaral Pascoal. Dessa época recorda-se de Silvestre e Dona Júlia, conhecidos funcionários daquele estabelecimento educacional. O Silvestre cortava o cabelo dos alunos e Dona Júlia Salomé preparava a sopa escolar. Tudo em benefício das crianças carentes.

Djalma residiu, ainda nos anos 40, na Vila Duque de Caxias, mudando-se, mais tarde, para a Vila General Osório. Menino, iniciou-se como aprendiz a costurar e engraxar sapatos, ensinado pelo irmão Paulo Moreira que tinha uma oficina nos fundos de sua casa. Por dois anos trabalhou na Sapataria Beckmann, na Rua do Piquete. Seu Nenê, como era conhecido Erasmo Beckmann, mantinha uma bem montada sapataria, onde trabalhavam mais de dez rapazes. Seu Djalma recorda-se do colega Zé Macaco, Zé Costureiro, Sebastião Nascimento e José Olímpio... Passou a trabalhar, então, na Sapataria da Fábrica Presidente Vargas, onde completou seu aprendizado. Nessa sapataria, trabalhava-se muito. Era grande a produção. Fabricavam-se coturnos para os militares do Contingente, sapatos para os oficiais e botas para os operários da FPV. "Somados, eram mais de três mil pessoas...", diz. O responsável era o Tenente Bangoim. Cita os colegas de trabalho Vitor e Carmelo Cônti, Geraldo, Danilo, Nico... Ali, além das



encomendas do Exército, cortava, costurava e montava sapatos sociais. Ao final do trabalho na sapataria da FPV, montou seu próprio negócio. Passou a comprar, vender e fabricar sapatos. A matéria-prima era comprada na Caltabiano, em Guaratinguetá, ou em São Paulo, "quando os negócios iam bem..."

Seu Djalma lembra um período, por volta do início dos anos 60, que passou na cidade de São Paulo: "Fui para fazer tratamento de saúde, mas arrumei um 'trampo' com um sapateiro português; ganhei uns trocados e aprendi muito com ele; mas tenho certeza que também o ensinei..."

Os negócios iam bem, de maneira que, tendo conhecido Maria Aparecida Soares da Silva, casaram-se em 21 de setembro de 1960. O casal tem 3 filhos e 9 netos. Seu Djalma diz que no passado os serviços de sua profissão eram mais solicitados. Cita seu Bili, antigo sapateiro da rua São Miguel, e seu Nenê como exemplos de profis-

sionais. Conta que já teve alguns jovens ao seu lado aprendendo o ofício; "mas ficam por pouco tempo e logo vão embora."

Seu Djalma trabalha de segunda a sábado, sem exceção. Há trinta anos no mesmo endereço, à avenida Luiz Arantes Júnior, 135, fez muitas amizades. "Já não faço mais sapatos. Hoje são só consertos..."

Seu Djalma, sempre simpático, é referência em seu ofício e exemplo de bom atendimento para os piquetenses.

Djalma trabalha de segunda a sábado... "Já não faço mais tantos sapatos... Agora, a maioria é só conserto."



Foto arquivo Pro-Memória

Cartilha do Eleitor

O combate eficaz à corrupção eleitoral não é tarefa que se possa levar adiante sem a colaboração da sociedade. Para ajudar os eleitores a exercerem seu direito de voto livre e consciente, a Associação de Magistrados Brasileiros (AMB) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) elaboraram uma cartilha que tem por objetivo conscientizar os eleitores da importância do voto e do seu papel na fiscalização do pleito, para que seja um processo limpo e transparente.

Algumas definições:

Eleitor Consciente

O eleitor consciente é aquele que analisa as propostas e conhece a história dos candidatos e partidos; participa de organizações sociais ou comunitárias, costuma participar das reuniões políticas, acompanha os debates, apresenta propostas e sabe que, apesar dos problemas, a política é um instrumento de ação da sociedade.

Os eleitores conscientes sabem que a política e os políticos, por vezes, não fazem por merecer o seu voto, mas sabem também que ser cidadão implica participar ativamente, repensando atitudes e, se necessário, alternando pessoas e partidos no poder.

O que significa votar com liberdade e consciência?

Votar é um meio de participar, influir e assumir responsabilidades na vida política do país. Não basta votar por votar. É preciso votar com liberdade e consciência. Deve-se votar sabendo em quem se está votando e seguro de que o candidato é realmente o melhor para o progresso da cidade e o bem-estar da população.

É importante conhecer o passado do candidato

Procure saber o máximo possível a respeito dos candidatos. Use a memória também! É importante lembrar como eles agiram quando estavam no poder. Foram competentes? Foram honestos? As eleições não são um jogo em que só vale vencer. As comunidades conhecem os seus integrantes melhor do que ninguém. Não adianta nada votar num candidato porque ele parece forte na campanha, se você não é capaz de confiar verdadeiramente em suas intenções. É melhor dar o voto a quem a consciência indique ser o melhor, mesmo que suas chances de vitória pareçam limitadas.

Como devo escolher o meu candidato?

Fique atento às propostas apresentadas na campanha e ao comportamento do candidato. Os bons políticos são líderes autênticos e têm capacidade de reunir pessoas em torno de idéias, não de interesses pessoais.

Ecos da Paris-Belfort

(A marcha revolucionária francesa da República adaptada à da Revolução de 9 de julho)

A chamada marcha da Revolução de 32 ressoa todos os anos, a 9 de julho, em São Paulo.

Referência recorrente para os paulistas tradicionalistas, é a data de 9 de julho de 1932, simbólica da Revolução Constitucionalista – a também chamada Revolução Paulista.

Livros temáticos e teses universitárias têm sido produzidos em análises, dados biográficos e contextualizações para espelhar os conflitos e ambigüidades numa sociedade que, a partir da década de 1930, se industrializava mais acentuadamente, se

urbanizava e ia deixando para trás um predomínio de ruralismo de pequena mecanização e de produção latifundiária para exportação, de fortes marcas de escravismo e hierarquização. A burguesia cada vez mais emergente discutia leis, direitos, modernização produtiva, liberdade de escolhas, votos, eleições sem “coronelismo”, clientelismo, e, portanto, democracia, ainda que com forte ranço de elitismo e oligarquia. As chamadas oligarquias paulistas que, segundo se alegava na época, se punham contra as massas que emergiam com o getulismo patriarcalista e patrimonialista, para encaminhamento de um processo ditatorial antevisto nos moldes do totalitarismo anunciado na Europa pelo fascismo, e depois, pelo nazismo, sob o ideário nacionalista. Segundo os críticos da Revolução Paulista, a ênfase é dada ao papel atribuído a São Paulo de “locomotiva” da nação, quando se esgotava a política do “café com leite” pela alternância do cargo presidencial de Estado entre paulistas e mineiros. Afinal, Vargas era gaúcho, dos estancieiros, de arranjo clientelista para fins militares, homens de fronteiras preocupados com limites, poder e imposição de domínio territorial. Ricos em charque.

No bojo da Revolução, uma burguesia paulista, de valores hierárquicos, mobilizada pela intelectualidade que via, romanticamente, a defesa da liberdade e da preservação traduzidas em mobilização popular urbana, englobando famílias que se propunham como guardiãs do ideário contido em um Estado, cujos símbolos civilizatórios eram invocados por representações apelativas de conjugação de

forças. Estou me referindo aos pôsteres (cartazes), às bandeiras paulistas confeccionadas e bordadas pelas senhoras e filhas de famílias, às agremiações de pessoas para fotos convidativas de aproximações e

Soldados no Largo da Estação, durante a Revolução de 1932, em Piquete



arregimentação de forças – todas imagens portadoras de mensagens de polarização para ganhar mais empenho na defesa dos ideais constitucionais. Crianças, adolescentes, mulheres e famílias propondo-se ir à luta. Crianças – soldados, mulheres na enfermagem e nas cozinhas, apelos para a composição amplificada.

Marco Antônio Villa, professor de História na Universidade Federal de Rio Claro, SP, acaba de lançar um belo livro – 1932, no qual são reproduzidos, em destaque, esses cartazes, fotos e toda uma série de documentos sobre a mobilização e as ações revolucionárias. Um livro – álbum de ótima qualidade gráfica da Editora da Imprensa Oficial, São Paulo, 2008, que vem enriquecer as obras temáticas sobre a Revolução, seus símbolos e acervo documental. As imagens dos heróis nominados e anônimos, dos objetos da luta como uniformes, equipamento, armas e locais de luta, trazem à memória o que já fora explicitado em outras obras, mas aqui dotados de uma qualidade técnica já mais apurada para gosto dos cultores dessa memória.

Não é sem motivos, portanto, que foi emblemática a movimentação a 9 de julho de 2008, das pessoas chegadas a Cruzeiro, vindas de Santa Fé do Sul, RS, a pé, percorrendo cerca de 1.000 Km durante três meses, para, 76 anos depois, homenagear a seus mortos. Estes heróis, tombados nas frentes de batalha junto ao famoso túnel e depositados no cemitério local, dão à cidade de Cruzeiro uma aura de destaque histórico. Aos que chegaram de tão longe portando faixas de mensagens em apelo à democracia

os aplausos do povo e visitas ao cemitério, com o apoio da imprensa, divulgados os atos públicos e entrevistando-se os excursionistas.

Da memória da Revolução em Piquete,

o registro das pessoas que a vivenciaram divididas em dois segmentos: o que foi para São Paulo, de trem, sofrendo uma viagem desconfortável e longa, ameaçada a todo o momento pelo sobrevôo dos “vermelhinhos”, aviões monomotores dos inimigos, e os perigos das infecções, a fome, a falta das condições higiênicas e o destino incerto, no

caminho do desconhecido, aonde chegaram com sofrimentos e foram mal alojados. E ainda, os homens foram convocados para trabalhar na preparação das munições para as frentes de combate. No segmento dos que ficaram, e alguns se vangloriaram disso, como se resistentes fossem, a idéia da heroicidade em enfrentar o inimigo; mas, na verdade, acabaram cooptados pelos soldados do Getúlio, porque contra a força não há argumentos. Tiveram suas casas tomadas, seus quintais invadidos, seus galináceos e ovos apropriados, e ainda tiveram de abrir suas cozinhas e preparar os alimentos solicitados pela soldadesca ignara e nervosa, querendo seus temperos fortes, e a gente do lugar, submetida, dominada, fraca. E os “vermelhinhos” sobrevoando e panfletando ameaças e boatos.

Resistência? Melhor cooptar. É assim, em geral, nas guerras, quando as tropas de ocupação chegam. Corriam depois de tudo, entre as conversas ao pé dos fogões-a-lenha, as históricas “ações” cujo lema fora: “O mato ou o morro”, de dupla significação e ironias implícitas.

Fora as descrições dos soldados do norte, os “getulistas”, mais a repetição das canções de ridicularização... Depois, o Getúlio ditador se instalou, fez acordos com a burguesia, tornou-se paternalista e promoveu o sindicalismo de Estado. Foi-lhe concedido o aposto “Pai dos pobres”, e nas residências de Piquete, em muitas delas, o retrato de Vargas consagrava-se com a faixa presidencial sobre a casaca preta e a camisa branca, e o cabelo penteado sem nenhum fio fora do lugar.

Dóli de Castro Ferreira

“Falta de oposição é fenômeno grave, porque nunca se sabe o que vai surgir. Se não há contestação, cruzam-se os braços e aceita-se o fato consumado, que, muitas vezes, no íntimo se repele.”

Barbosa Lima Sobrinho

Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Há 49 anos...

Políticos & Promessas

“Se você, prezado leitor, fosse contratar os serviços de um administrador para sua fazenda ou um gerente para sua loja ou armazém, escolheria um elemento qualquer, sem conhecimento administrativo? Entregaria seu estabelecimento comercial a um cidadão inidôneo e de moral duvidosa?

– Claro que não! Você tem amor àquilo que é seu. Então, pense bem na hora de votar nas eleições de 05 de outubro. Veja o que vai fazer; o cargo de prefeito de nossa cidade é o posto mais elevado de nossa hierarquia. É uma espécie de gerente, ou mesmo administrador da cidade. E você não vai querer que Piquete seja governado por alguém sem credenciais ao alto posto! – É claro! Seria um desastre!

Administrar não é brincadeira. Veja bem em quem vai votar para compor a nossa Câmara Municipal. Não vote em pessoas semi-alfabetizadas, sem postura, ou em pessoas anormais. Não vote em “tipos” que não se respeitam e, portanto, não se dão ao respeito. Escolha o melhor entre os melhores e não o pior entre os piores.

Se você souber escolher os melhores (moral e intelectualmente), a nossa Piquete irá para frente, libertando-se da politicalha sem escrúpulos de certos personagens sem plataforma de ação, sem ideal, sem noção de administração públicas e sem moral!

Não seja o algoz, o carrasco da sua própria terra! Vote, e vote bem, porque o seu voto é a maior arma de uma democracia.

Eleitores conscientes de todas as camadas sociais que trabalham de sol a sol, vejam o que vão fazer. Pensem bem!”

“Queixa e Reclamação Perigo de Epidemia”

“Os moradores da Rua do Piquete, próximo à ponte do Rio Benfica, reclamam do mal cheiro, da ‘sujeira’ do rio, por baixo da ponte e dos lados. Pedimos as imediatas providências ao Posto de Saúde e à Prefeitura.”

Publicados há 49 anos, em 20 de setembro de 1959, à página 03, os textos acima são muito atuais.

Pouco ou quase nada mudou na política e em Piquete. Os artigos devem nos servir para refletir sobre o que desejamos para a cidade. Nas eleições que se aproximam, procuremos votar conscientemente, visando à melhoria da qualidade de vida de nossa cidade. Piquete merece!



Ruth Guimarães discursando ao lado de Ignácio de Loyola Brandão

Salve, menina grisalha de Cachoeira Paulista!

“O mundo está dominado pela paixão; e paixão passa. Falta amor... Falta conhecimento profundo... Falta dedicação...”. Numa conversa com o professor Nélson Pesciotta, comentávamos sobre a renovação da intelectualidade... A análise do presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos vem ao encontro de minhas observações: os grandes pensadores e escritores que formaram a elite intelectual brasileira resumem-se, hoje, a um pequeno grupo em que todos contam várias décadas de experiência. Esse grupo cultiva a reflexão antes de apresentar suas idéias, as quais, quando expostas, se justificam com argumentos firmes e objetivos. São perenes. É o oposto de parte da geração atual – tomados pela paixão, não ouvem, não se questionam; seus argumentos não se sustentam numa discussão mais profunda. São efêmeros.

“Salve, menina grisalha de Cachoeira Paulista!” Foi assim que Paulo Bonfim, o “príncipe dos poetas brasileiros”, autor do clássico “Antônio Triste”, saudou a escritora Ruth Guimarães em discurso no qual lhe desejava boas-vindas à Academia Paulista de Letras, no dia 18/09/08. Paulo Bonfim apresentou a trajetória de Ruth Guimarães com argumentos indiscutíveis; narrou fatos que justificaram uma frase emocionada: “Ruth, esta Academia estava lhe devendo esse convite havia anos!” À mesa diretora, Antônio Cândido, o “Intelectual do Ano”, ouvia atentamente o confrade; Ignácio de Loyola Brandão segurava carinhosamente a mão da nova confrreira; na primeira fila da platéia, Lygia Fagundes

Telles emocionava-se e fitava a amiga de décadas.

Ruth Guimarães, pensativa, ouvia atentamente a história de seus antecessores na Cadeira 22 daquela Academia. A valeparaibana reúne todas as características de seus confrades de Academia. Destacase, porém, pela serenidade e simplicidade que lhe auferem singular nobreza. Foi emocionante ouvi-la. Poderia ficar ali por horas, que não me cansaria. Em certo momento, disse dona Ruth que Guilherme de Almeida, um de seus antecessores na Cadeira, “cantava por meio dos versos”. Concorde... Mas dos textos da “menina grisalha” também não se pode dizer nada menos: configuram clássicas melodias que nos embebecem por demonstrar o amor, o conhecimento profundo e a dedicação reclamados por Pesciotta; e vão além: transmitem pureza, carinho e afeto; soam como uma canção de ninar.

Conhecia Ruth Guimarães apenas por meio de livros e artigos, além das histórias contadas por Chico Máximo e Antônio Carlos Monteiro Chaves, seus antigos admiradores. Dizem que um livro faz com que se conheça o mundo sem se sair de uma cidade; realmente, a mim me parecia conhecer Ruth Guimarães como a uma pessoa da família. Estar ao seu lado pela primeira vez foi como um reencontro. Eu não me esquecerei jamais do macio de suas mãos, do doce de seu olhar e do prateado da menina grisalha que iluminou ainda mais um palco já repleto de estrelas.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.



“A gente passa nesta vida como canoa em água funda. Passa.

A água bole um pouco. E depois não fica mais nada.

E quando alguém mexe com varejão no lodo e turva a correnteza,
isso também não tem importância.

Água vai, água vem, fica tudo na mesma outra vez.”

Trecho do romance “Água Funda”, de Ruth Guimarães, de 1946

Crônicas Pitorescas

A rainha do xadrez

Palmyro Masiero

Não beirava sequer um minúsculo aspirante a mestre, apenas um razoável jogador, mas era amarrado, vidrado, obcecado, apaixonado mesmo por xadrez. Sabia tudo sobre ele, sua ou suas origens, as sensacionais jogadas dos grandes mestres; na verdade, um “expert”, uma enciclopédia ambulante sobre a matéria. Proprietário de vários jogos de diferentes tamanhos, do oficial até um pequeno com ímã, para viagens. Num recanto de sua sala, uma estante específica, exclusivamente composta de livros versando sobre o “jogo dos jogos”, compunha a decoração. Seu sonho era ter sobre ela alguns troféus ganhos em campeonatos, mas o máximo que conseguira foram diplomas de participação.

Todas as noites, enquanto ele mexia com as peças – fosse em sua própria casa com amigos, nas casas destes, ou no clube de xadrez –, sua esposa, completamente leiga e desinteressada desse tipo de competição, curti TV.

Saiu de férias. Alugou uma casa à beira-mar e passou a mordomar mareiro e marejada. Dois dias foram estupendos, mas no terceiro teve início uma chuvinha farinhenta que prometia ter chegado para ficar. Preso dentro de casa, começou a ficar indócil. Bateu forte o desejo de umas partidinhas de xadrez. Mas como? A casa era um tanto afastada do centro, e, mesmo que não fosse, não conhecia ninguém por lá. Junto a ele só a mulher, vidrada na TV, e que não entendia bulhufas sobre o assunto. Um gosto de aflição começou a atormentá-lo no segundo dia de chuveiro intermitente.

Não suportou o peso e partiu para a apelação. Segurou a mulher na marra, na tarde molhada, e deu início a uma doutrinação completa sobre a beleza do xadrez. O arranque foi pela história do jogo, contando existirem controvérsias entre os historiadores sobre sua origem. Alguns afirmando ter sido um troiano, com aquilo cheio pelo interminável cerco de Tróia, seu inventor; outros, ser o xadrez de origem persa, pois a expressão “xeque mate” vem de “shah-mât”, cujo significado é “o xá (rei)

está morto”. Já os persas acreditam que o jogo chegou até eles vindo da Índia. Daí a barafunda formada...

Seguiu pela exaltação dos GMI e sua memoráveis partidas, salientando os nomes de Capablanca, Botvnnik, Alekhine, Fischer, Karpov, Korschinnov, Kasparov e dos brasileiros Mequinho e Sunyé.

Sentindo o interesse da mulher, disparou a apanhar o joguinho de viagem e passou a ensinar-lhe. Quando começou a explicação, ela pegou caneta e papel e sentou-se. Ele mostrando cada peça com seu respectivo nome, ela anotando; como se movimentavam, ela anotando; como “comiam” as peças adversárias, ela anotando... Várias vezes repetiu as normas e o objetivo final do jogo, xeque-mate ao rei.

Considerando que a esposa havia entendido tudo, deu início a uma partida experimental. Foi levando o jogo bem simples, em água morna. O marido fazia um lance, a mulher olhava, olhava... Depois tomava de suas anotações, lia por instantes e mexia alguma peça. A cada jogada, esse ritual se repetia. Realmente, estava um joguinho chato, cansativo, xarope.

Sem nenhuma dificuldade ele venceu. Apanhou, então, os apontamentos que ela fizera e começou a ler:

“Pião – anda pra frente, casa por casa. Obs.: na saída pode andar duas. Não pula e come de viés.

Torre – anda na vertical e na horizontal. Não pula, mas come como anda.

Bispo – não pula. Só come e só anda em diagonal.

Cavalo – anda uma casa, duas e vira em L. Pode pular à vontade e come pra frente, pra trás, pra qualquer banda.

Rei – anda para todos os lados, mas só de casa em casa”.

Mas foi na rainha que ele se avexou totalmente. Aquilo feria a nobreza do jogo. Digo eu que se as feministas soubessem quem é a autora das anotações, seriam capazes de organizar uma passeata de protestos em sua casa. Assim estava escrito:

“Dama (Rainha) – anda e come pra tudo que é lado.”

Pássaro-preto

Edival da Silva Castro

Se eu pudesse opinar acerca do tempo, com certeza eu voltaria aos meus tempos de menino. Não para ser menino outra vez, mas sim para curtir as boas coisas daqueles tempos.

Sempre morei em casas grandes, de quintais enormes. Hortalica e criação de aves sempre foram o hobby de papai. Verduras, de um verde vistoso, sem quaisquer drogas, faziam parte de nossa mesa diária. Patos, galinhas, galinhas d’angola, garnisés povoavam o quintal num emaranhado de cores e vozes. Além disso, existiam gaiolas com pássaros silvestres, um papagaio tagarela e um cachorro xodó.

Uma das boas coisas daquele tempo foi quando papai, certa tarde, chegou do serviço com uma caixa de sapato, e dentro dela um filhote de pássaro-preto. Mingua-dinho e fraquinho, não se podia relar na caixa que ele levantava a cabecinha e abria o bico.

Daí pra frente, as atenções da casa voltaram-se para a pequenina ave preta.

Quando papai se encontrava no serviço, a disputa para alimentá-la era acirrada: todo mundo queria ser o seu tratador.

Ainda na caixa de sapato forrada com flanela, a avezinha começou a receber os primeiros carinhos. Após alimentá-la, não tinha aquele que não lhe fizesse um cafuné coçando-lhe a cabeça e em volta do pescoço. Ela ficava arrepiada de satisfação.

Logo ganhou uma enorme gaiola, que fora pendurada na varanda em lugar especial, junto às flores e plantas.

O pássaro-preto encantava a todos. Passou a ser, dentre os passarinhos, o mais distinguido. Era passar perto da gaiola, que ele vinha até a grade para ser acarinhado. Volta e meia alguém estava junto dele. O portão que dava acesso à casa não podia ser aberto que o “negrão” (apelido que ganhara) abria o bico.

O tempo foi passando, e ele ficando. Eu bati asas, os demais irmãos também. Certa vez, indo à casa dos meus pais, notei que as aves do quintal e as gaiolas não mais existiam; somente o negrão se encontrava por lá, ainda dando seu alarme quando da chegada de alguém.

O pássaro-preto já se encontrava velho. Certo dia, chegando à casa dos meus pais, estranhei: sabia que era ele, pois quando abri o portão, o seu canto conhecido me anunciou. Parei junto à gaiola e fiquei admirado com a sua metamorfose. O negrão encontrava-se salpicado de branco. Na muda de penas, que vai do outono até ao final do inverno, adquirira a cor pedrês. Ficara mais bonito, porém perdera sua característica de negro.

E o pássaro criou fama. Passou a ser conhecido na cidade como o vira que virou branco. Ele, em minhas contas, viveu entre vinte e vinte e cinco anos, sempre cantando, arrepiando-se sob cafunés e dando alarme quando alguém saía e chegava à casa dos meus pais.

A Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade católica no mês de seu Padroeiro, São Miguel Arcanjo. Salve 29 de setembro!



1908

Segunda parte

Estava entre os propósitos de Rodrigues Alves a modernização do equipamento bélico. Daí, a necessidade da modernização da fabricação de pólvora, liberando-se o país da necessidade de importá-la, principalmente quando se procurava debelar revoltas. A de Canudos, por exemplo, sendo que também a participação brasileira na guerra do Paraguai mostrara que essa necessidade se sobrepunha. Esta estava entre as questões de fronteira, que se tornaram emblemáticas no seu governo. Havia uma idéia de nação imaginada, cujo território, definido entre as linhas de fronteiras, colocava como assunto fundamental o questionamento da soberania. Idéia que vinha desde os tempos da presença da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, numa conotação imperial, e que tomou outras características no Império brasileiro, seguido da República.

Enfatizavam-se o reaparelhamento das fortalezas, a construção de estradas estratégicas, de ferro e de rodagem, principalmente nas regiões fronteiriças. As lutas empreendidas na garantia de posse da Amazônia, do Acre especialmente, e do território de Mato Grosso exigiam mais eficiência. A reforma do ensino militar, corolário dessas ações, reforçava essa política, não sem deixar de atender aos serviços de saúde da corporação. Nesse particular, o atendimento à Marinha tornava-se prioritário, dado que a proclamação da República tornara visível um predomínio do Exército, contribuindo para que remanescentes do monarquismo nela tivessem se refugiado, não sem deixar de

observar os problemas que se agravavam na hierarquia. Para desaguar na Revolta da Chibata, em 1910, cujo líder foi João Cândido Felizberto, o Almirante Negro,

Ribeirão Sertão, cujas nascentes se encontram na Mantiqueira, em áreas preservadas pela IMBEL/FPV



cujas memórias pode, finalmente, agora ser retomada após a liberação dos documentos (março de 2008) pela Marinha. Além do mais, o apoio e o interesse despertados relativamente ao Exército, de participação importante no ato proclamativo da República, dividiam os militares jacobinos e positivistas dos conservadores. Os positivistas alinhavam-se entre os que, em nome do progresso, buscavam a modernidade.

A fabricação da pólvora e dos equipamentos militares atrelava-se a essa concepção. Um exército bem municiado e equipado eram seus propósitos. Escolher um local para a instalação de uma nova fábrica de pólvora aliava-se aos interesses políticos adesistas republicanos do Vale do Paraíba conservador. Assim, barões do café, em perda de prestígio pelo deslocamento das

frentes produtoras de café, necessidades econômicas, disponibilidade de terras esgotadas e intercaladas por manchas de floresta intocada nos pontos elevados do relevo, e hidrografia rica e abundante, combinadas com excesso de mão-de-obra disponível originada da abolição do escravismo nas fazendas decadentes, formaram o painel para justificar a escolha do município de Piquete para a instalação fabril bélica. Piquete era como um paraíso. Edênico, possuía extensa cobertura de Mata Atlântica, nativa e intocada em muitos trechos, pois, embora percorrida por trilhas indígenas, os índios, ao viverem em situação de troca com a natureza, não a dilapidam para garanti-la sempre pródiga. A riqueza hidrográfica era um dos pontos positivos para a escolha, assim como a da cobertura vegetal nativa. A hidrografia rica de puros mananciais e muito peixe. Um convite à vida não predatória. Mas, contrariamente, também um convite à predação, isto é, disponibilidade de recursos naturais para aproveitamento – em nome do progresso. Assim se fez.

Engenheiros e cartógrafos militares foram mobilizados para planejar o empreendimento e viabilizar o projeto. Ações na cúpula do Ministério da Guerra deram curso ao processo. Em 1908, a construção dos edifícios ganhava força para, ao lado da população mobilizada, preparar-se para a inauguração oficial em 1909. Continuaremos com este tema.

Dóli de Castro Ferreira

O lado obscuro da violência

Em 2008, a grande festa olímpica promovida pelo povo chinês fez o mundo pensar menos no episódio das bombas de Hiroshima e Nagasaki.

O povo japonês era o inimigo. Será que, por serem inimigos, aqueles homens e mulheres arrancados das grutas de Okinawa, tropeçando na própria desnutrição, sofriam menos? Existe um motivo suficientemente forte que justifique o tremor daquela criança de cinco anos contemplando sem entender por que era olhada por estranhos como se fosse um animal perigoso?

Recentemente o público cinéfilo teve a oportunidade de assistir à segunda filmagem do “Doutor Jivago”. Em vez daquele esplêndido colorido que exponenciava o afastamento da amada Lara, agora estamos diante das atrocidades dos soldados do Exército Branco, que decepava pernas e braços de camponeses que se negavam a juntar-se a eles.

A série “Por que democracia”, do canal Futura, revelou a crueldade do governo albanês de Enver Hoxha, acusando as

esposas estrangeiras de espionagem, desfazendo famílias e levando gente honesta e competente à loucura e à morte.

E quem poderá explicar às futuras gerações as valas comuns entupidas de esqueletos humanos nos Andes e na Selva Amazônica? Como dizer que eram camponeses honestos, trabalhadores e pobres e que sucumbiram porque se negaram a abandonar suas terras e suas famílias para engrossar as fileiras de grupos que diziam lutar pela sua redenção e pela salvação da Pátria?

Reivindicar é preciso. Lutar por direitos é o fulcro da democracia.

Mas falta ao aparato legal um dispositivo que interrompa o processo democrático quando chega aos poderes constituídos a notícia de um movimento reivindicatório que possa levar à convulsão interna.

UM MODELO GROSSEIRO. O Governo declara Estado de Consulta ao Povo; torna público o movimento reivindicatório que fere as instituições nacionais; determina que as Forças Armadas e as Polícias permaneçam de prontidão nos quartéis;

convoca todas as forças vivas da nação, todas as entidades civis – OAB, ABI, Confederações, Sindicatos, Igrejas; pede que se reúnam em local fora dos centros de poder, protegido pelo poder público e apresentem, em prazo estipulado, ao Governo uma Carta que explicitasse as causas, as ferramentas e os objetivos do movimento que põe em risco a segurança do país; elaborada a Carta e entregue aos Três Poderes da República, voltam a funcionar as instituições; o movimento reivindicatório recebe a sentença que toda a nação preparou para ele. ATÉ AQUI O MODELO GROSSEIRO.

Os problemas internos devem ser resolvidos internamente. Havendo um dispositivo legal, todas as depredações serão consideradas crimes e o movimento responderá pela morte de qualquer brasileiro.

Chega de matança! Chega de intolerância! Chega de sofrimento!

O mundo hoje tem como lema “Ferir e Assoprar”, destruir e pedir desculpas.

Abigayl Lea da Silva

Fotos arquivo Pro-Memória



A cidade que queremos

Aproximam-se as eleições municipais. E é grande a responsabilidade do eleitor quanto à escolha do chefe do Executivo. A tarefa de organizar os municípios, com crescimento ordenado, adequada ocupação do solo e qualidade de vida ideal para os moradores não é das mais simples. Para realizar esse trabalho, os prefeitos eleitos necessitarão de um bem elaborado diagnóstico da realidade local, que lhes fornecerá subsídios para executar a missão. Hoje, mais do que nunca, o prefeito deve ter uma visão moderna da realidade, estar antenado com experiências bem sucedidas em outras cidades, de maneira que possa adequá-las à sua realidade. Busca-se acabar com o subdesenvolvimento das cidades e torná-las sustentáveis para seus moradores. Para isso, não basta apenas vontade política. É preciso competência e conhecimento técnico para uma nova gestão do município.

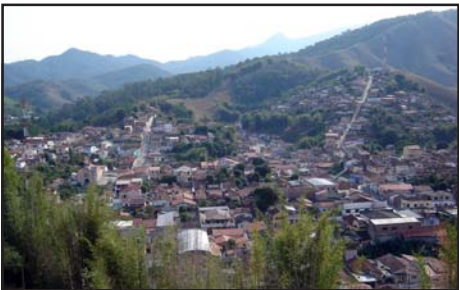
Muitos prefeitos acham que conhecem o município, mas, na verdade, não o conhecem. O conhecimento da realidade, na maioria das vezes, é empírico e, em muitos casos, distorcido por informações incompletas ou erradamente coletadas.

A informação bem estruturada, com conhecimento técnico, é o objetivo dos administradores modernos, para que a

análise do contexto possa ser transformada em ações ágeis e soluções coerentes com as necessidades da população.

Por outro lado, indicadores econômicos e sociais são fundamentais para uma boa gestão, particularmente o crescimento populacional, que requer maior atenção. O número de pessoas que habitam o município determina o volume de atendimento médico, de recursos para a educação, da construção de vias de acesso para os bairros, da limpeza e do próprio atendimento dos órgãos administrativos.

Tão importante quanto o plano de governo gerado a partir dos números desses indicadores é a adequada alocação das pessoas para que o meio ambiente seja preservado. Não é possível expandir as cidades desordenadamente, sem reconhecer a necessidade de manter áreas verdes e sem proteger os mananciais de água. Desconsiderar esses fatores é condenar as pessoas a viver sem seu pulmão natural e ameaçar a saúde, com situações imprevisíveis e catastróficas. É preciso acrescentar a isso a preocupação com as áreas de risco ameaçando vidas e gerando prejuízos para o município e para os próprios moradores dessas áreas.



Voto Não tem Preço

Pe. Fabrício Beckmann

Estamos nos aproximando das eleições municipais. Todos nós, cidadãos, devemos ter compromisso com a democracia e com o bem de nosso município. Para isso, precisamos escolher com cuidado nossos candidatos, conhecer os planos de governo, as propostas e os projetos de cada um, e só depois fazer a nossa opção.

A Lei eleitoral 9840 diz claramente no artigo 41, que é proibido aos candidatos doar, oferecer, prometer ou entregar ao eleitor qualquer bem ou vantagem pessoal, inclusive emprego ou função pública, em troca de votos ou apoio, desde o dia da candidatura até o dia da eleição. O candidato que descumprir a Lei pode ser multado ou ter a sua candidatura cancelada. Mas não é raro que as eleições sejam definidas por esses artifícios imorais, normalmente utilizados por políticos que não se conduzem pelos princípios éticos.

Caso saibamos da ocorrência de compra de votos ou de favorecimento de pessoas com fins eleitorais devemos comunicar o fato à justiça eleitoral, no fórum de nossa cidade, ou registrar um boletim de ocorrência na delegacia de polícia. As autoridades são obrigadas a agir. Se houver, porém, omissão das autoridades locais, o fato deve ser comunicado à Procuradoria Regional Eleitoral de SP (Tel. 0xx11-2192.8707).

O candidato que tenta influenciar o eleitor oferecendo bens e fazendo promessas de vantagens pessoais e empregos, ou fazendo ameaças de prejudicar os seus opositores após as eleições, está praticando corrupção e não deve ser considerado digno de receber nossos votos. Também pratica corrupção o eleitor que pede ou aceita favores em troca de seu voto ou se acovarda diante de ameaças e se deixa influenciar.

Esperamos que todos os cidadãos e cidadãs de Piquete que são eleitores participem destas eleições com dignidade e profundo compromisso com a democracia; que o bem comum seja colocado acima do bem particular e que os candidatos sejam escolhidos por aquilo que podem realizar em benefício do município e não pelas vantagens pessoais oferecidas.

Deus ilumine a todos neste pleito eleitoral, para que elejamos candidatos que reúnam condições necessárias aos cargos políticos que ocuparão e sejam pessoas sensíveis às necessidades do povo, sobretudo às dos mais desamparados de nossa cidade. Piquete precisa de políticos honestos, comprometidos com a promoção do bem social, competentes e capazes de gerir o nosso município com transparência, garantindo a todos que seus direitos básicos serão respeitados, como merece o nosso povo, muitas vezes tão sofrido, mas sempre tão guerreiro e trabalhador.